

## RESENHA

MOLDER, Maria Filomena. “Escutaríamos nós um carvalho ou uma pedra, se eles dissessem a verdade?” e “A imperfeição da filosofia”. In: *A Imperfeição da Filosofia*. Lisboa: Relógio D’Água, 2003, pp. 13-25 e pp. 37-39.

Valéria Cardoso da Silva<sup>1</sup>

Se, é verdade que a Filosofia nasceu na Grécia e que seu legado chegou às Américas via colonização europeia, também podemos dizer que, em modernidade tardia, o pensamento filosófico da Antigüidade Clássica ainda toca a alma do homem contemporâneo em sua sede de *saber no educar-se*.

Apesar de toda distância de tempo e espaço que nos separam dos clássicos gregos, não vimos nisto uma impossibilidade de tentarmos acompanhar os antigos fios que tecem as idéias e os sentimentos humanos até os nossos dias. São eles que moldam a trama da conquista do *saber*, do *amor* e da *educação*.

Ao re-visitarmos os antigos para compreendermos a nova e já tão maltratada e vazia contemporaneidade, visamos denunciar os sons das armas que ainda marcam nossos corpos e ensurdecem nossos ouvidos. Marcas e sons expurgados somente em pequenos murmúrios que não desejam se silenciar diante de uma tradição que se alia à farsa, ao autoritarismo e ao conservadorismo e não ao tão clamado progresso desejoso do melhor da tradição educacional, do verdadeiro humanismo e do verdadeiro respeito à autoridade.

Para tal abordagem, valemo-nos da *maieutica* socrática exposta em *Fedro*, de Platão, e de duas leituras meditativas acerca desta obra platônica expostas no livro de ensaios *A Imperfeição da Filosofia*, da professora e filósofa portuguesa Maria Filomena Molder, catedrática em Filosofia da Universidade Nova de Lisboa.

À medida que recorremos ao discurso socrático com o propósito de aproximarmos a *Filosofia* do *Amor* ou, segundo nos elucidava Molder<sup>2</sup>, vislumbrarmos a imoderação própria da atividade filosófica e o sentido do *Eros*, problematizamos a linguagem que se compromete com a beleza da *Verdade* e da eterna e insaciável busca do *saber*. *Verdade* e *Saber*, humanas criações que desafiam o pensamento desejoso pela iluminação “do que é justo, do que é bom e verdadeiro, da sabedoria” (MOLDER, 2003, p. 15). Idéias estas ambicionadas, porém deturpadas pelo jovem Fedro ao se deixar seduzir pela retórica persuasiva de logógrafo Lísias sobre o amor.

Fedro, apesar de encantado pelas palavras sedutoras do eloquente Lísias, demonstra saber a opinião do Mestre Sócrates acerca de tal discurso amoroso. Com a ironia que lhe é própria, Sócrates elogia o discurso de Lísias e a suposta iluminação de Fedro. Fedro, não satisfeito com a reação de Sócrates, insiste para que ele teça sua crítica. Sócrates, então, o adverte do jogo de palavras, encontrado na manipulação retórica de Lísias e resolve criar outro discurso, igualmente manipulador, para satisfazer a vontade de Fedro.

Todavia, o Mestre se arrepende da inverdade do seu próprio discurso amoroso, promovido pelo *daimónion* (sopro enganador). Sócrates, arrependido, diz a Fedro que ambos os discursos, o dele e o de Lísias são horrendos, pois ofenderam e ignoraram a bondade de *Eros* ao descrevê-lo não como um ser divino e construtor, mas como um ser mau e destruidor. Além de profanarem a beleza do Deus, ao afirmarem “que os amantes contendem com seus amados por causa das ninharias, que os invejam e os prejudicam” (Fedro, p. 221), a vaidade dos dois retóricos só fez iludir e

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UFF e Especialista em Letras pela UERJ. Tutora Virtual da UAB-UFSCar. [valeria-cardoso@hotmail.com](mailto:valeria-cardoso@hotmail.com)

<sup>2</sup> Cf. entrevista feita à professora e filósofa Maria Filomena Molder, por Helena Vasconcelos ([www.storm-magazine.com](http://www.storm-magazine.com) ou [www.publico.pt](http://www.publico.pt)), em 17/01/2004.

persuadir seus ouvintes mais ingênuos, que gratos e subservientes lhes retribuem os gestos com aplausos e admiração.

Ao tentar se redimir da falácia do seu primeiro discurso amoroso e de temer o sofrimento que *Eros* poderia lhe desferir, Sócrates então lança a Fedro o seu segundo discurso, o verdadeiro Elogio ao Amor e às virtudes na entrega ao delírio oriundo dos deuses.

Indagar, observar e analisar os estados e obras da natureza da alma são as proposições pedagógicas socráticas. Contudo, esta natureza deve se manter em vigília para uma melhor observância da alma, pois para o sábio filósofo toda “alma é imortal” e é esta qualidade que confere ao humano o princípio do movimento que o leva a mover-se a si mesmo na busca da sua eterna forma inacabada. Valendo-se de imagens e metáforas, Sócrates amplia sua visão acerca do saber o que é a alma, a morada das “realidades inteligíveis”, onde a *Felicidade* só pode se fazer presente ao se deixar conviver com a *Verdade*, a *Justiça*, a *Sabedoria*, a *Ciência*, a *Beleza* e o *Pensamento*. Todavia, esta morada só é conferida às almas dos deuses ou àquelas almas imortais aladas, profundamente humanas, mais evoluídas, que se elevaram ao alcançarem o vôo das divindades e ao contemplarem a Ciência do *Ser* dos *Seres*, isto é, das essências. Quanto às almas dos mortais, estas estão aprisionadas às meras opiniões, fechadas no seu mundo de sombras, condenadas aos pensamentos e sentimentos mais vis.

Talvez, dentre as “realidades inteligíveis”, a *Verdade* seja a mais enigmática, a mais desejada e, paradoxalmente, a mais temida pelo homem antigo e o novo homem, pois é ela o grande desafio daquele que ama, isto é, o que efetivamente não se envergonha a ser *Amigo do Saber*. Todavia, como lidar com a *Verdade* se esta pode vir atrelada às máscaras, às dissimulações, aos jogos de palavras, às vaidades sedentas de falsos poderes tão característicos das almas mortais? Sim, são estes e muitos outros desafios que Sócrates e os justos hão de enfrentar. Em *Fedro*, Platão nos traz a dívida contraída pelo desafio socrático, como bem nos elucida *A Imperfeição da Filosofia* (MOLDER, 2003, p. 13), já no seu ensaio de abertura “Escutaríamos nós um carvalho ou uma pedra, se eles dissessem a verdade?”. Movida pelo pensamento socrático, a filósofa portuguesa, por sua vez, irá além dos clássicos, ao provocar tal indagação presente em todos nós.

O desafio socrático se faz pertinente na medida em que a história da invenção da escrita nos apresenta o que é o jogo da *Verdade*. Sim, é justo que tal desafio lançado a Fedro, também nos sirva de lição ou de advertência.

Ao partilhar da ironia socrática, a professora e filósofa incomoda o seu leitor-ouvinte contemporâneo. Afinal, este se assemelha muito ao jovem Fedro, por se ocupar em “*saber a edição, a cidade, o ano, conferir a bibliografia, as notas de rodapé, os CD-ROM*” (MOLDER, 2003, p. 13) sobre os mais variados assuntos, do que desvendar os mistérios que habitam o interior dos “*discursos escritos na alma*”, feitos por aqueles que dominam a arte da dialética, os filósofos. Conferir, inventar e apropriar-se das palavras ou dos pensamentos de outrem nos tornaram mais convincentes do que mais próximos da sabedoria da *educação*. Seriam esses reflexos das comodidades criadas pela pós-modernidade ou de vícios que sempre estiveram presentes nas almas mortais de baixas paixões? Talvez ainda não tenhamos respostas, mas possamos nos atrever a desvendar uma parte desse jogo.

É em Platão que reconhecemos a importância do discurso escrito. Contudo será o próprio discípulo de Sócrates quem nos advertirá sobre o inevitável perigo desse “prazer” sujeito a manipulações. Há, porém, na escrita de Platão a preocupação de diferenciar os discursos semeados pelas almas de elevadas paixões que só dizem a *Verdade* daqueles discursos corrompidos pelos maus sentimentos, como bem nos elucida Molder:

*(...) Platão prepara a legitimidade de uma forma de discurso escrito que procura restituir a vida gerada na alma, em vista de conhecer a verdade de todas as coisas ditas e escritas, mostrando aquele que escreve, como é pouca coisa aquilo que escreve, esforçando-se por conceder assistência às letras, facilmente sujeitas à corrupção e à irrisão. Esse, que adverte contra o acto*

*de escrever e os perigos, está, desde o início, porém sujeito à contaminação daquela “parte de jogo”, que lhe cabe por escrever, sendo que ela lhe cabe, neste caso, por escrever escritos que querem dizer a verdade. Para esses, talvez a palavra filósofo, ou outra do mesmo gênero, seja a melhor. A fidelidade ao caráter incerto deste nome atravessa o prazer de manter-se nessa actividade, que se desdobra como um estudar, um cuidar, um dedicar-se à verdade.*(MOLDER, 2003, pp. 15-16)

Compreendemos, assim, que a atividade filosófica é um cultivar incessante, é um dedicar-se constante ao que é *justo, bom e verdadeiro*. O *aprender*, o *conhecer* as coisas ditas e escritas na vida são os caminhos que nos dão asas a amar a sabedoria, são os meios que nos levam à filosofia e não um fim a atingir inatingível.

Ao sermos instigados pela *maieutica* socrática, procuramos entender o que nos quer dizer o Mestre quando nos propõe “*escutar a linguagem de um carvalho ou de uma pedra*” (MOLDER, 2003, p. 13). Auxiliados por Molder, observamos que Sócrates ao evocar tal linguagem nos ensina a pensar o que está vivo dentro da língua que falamos, a escutar com a simplicidade do coração a *Verdade* que nos pertence, como os antigos gregos o fizeram “a partir da poesia épica, lírica, sentencial, agónica” (MOLDER, 2003, p. 23).

Em *A Imperfeição da Filosofia*, ensaio que dá nome ao livro de Filomena Molder, analisamos que a arte filosófica da escrita socrática, proposta por Platão, “*não pretende encantar leitores, não quer persuadir à maneira dos retóricos, dos políticos e dos pedagogos de profissão*” (MOLDER, 2003, p. 37), pois ela se ocupa efetivamente com a *Verdade*. E o ocupar-se, aqui, implica estudo, dedicação, atenção, persistência, pois a ameaça do abandono do saber estará sempre nos rondando. Essas são as grandes tarefas daquele que ama a sabedoria (*filósofo*), não por querer se transformar em *sábio*, como bem nos professa o irônico Sócrates.

Tamanha elevação seria típica somente daquele que é capaz de amar aquilo que não se possui, pois é da natureza do *amor a imperfeição* e a *desmedida*. Essas são qualidades ou seriam os delírios criados pelos deuses? É certo que não devemos julgar tamanha imoderação, pois ela sempre fez e fará parte da bela atividade filosófica que acompanhou o jovem Fedro, assim como há de acompanhar toda humanidade por muitos e muitos séculos.